



**FÓRUM: RUÍDO E MEIO AMBIENTE**  
**Coordenação: Ana Claudia Fiorini e Alessandra Samelli**  
**Relatora: Isabel Cristiane Kuniyoshi**

A edição do Fórum Ruído e Meio Ambiente aconteceu em 12 de abril de 2017, às 14h em ocasião do 34º Encontro Internacional de Audiologia, na sala Macuco do Rafain Palace Hotel, na cidade de Foz do Iguaçu/PR. A atividade contou com a participação de 56 pessoas, com a coordenação da Dra. Ana Claudia Fiorini e Dra. Alessandra Samelli e tendo como convidada a Dra. Thaís Morata e relatora, a Dra. Isabel Cristiane Kuniyoshi.

1. Ana Claudia Fiorini fez uma retomada do histórico do fórum nas edições anteriores do EIA e contextualizou a fala das duas convidadas: Dra. Alessandra Samelli e Dr. Thaís Morata.
2. A primeira convidada, Alessandra Samelli apresentou o panorama sobre os estudos relacionados à prevenção de perdas auditiva induzidas por ruído. Mencionou a revisão sistemática de autoria de Tikka e colaboradores (2017) que salientou que a ausência de evidências conclusivas não deve ser interpretada como evidência de falta de efetividade. Sobre o tema, fez um levantamento na base de dados *Pubmed* dentre as publicações dos últimos dois anos (2017 a 2019) e, aplicados os critérios de inclusão e exclusão, puderam ser agrupados em: 1) Avaliação da efetividade do treinamento/PCA (seis estudos); 2) Preditores para a PAIR e interferências no uso do protetor auditivo (12 estudos); 3) Uso apropriado dos DPA/Atenuação dos DPA – medidas subjetivas e objetivas (três estudos). Considerou que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas nesta área e que os estudos brasileiros ainda são escassos. Concluiu que é preciso que sejam desenvolvidos mais estudos envolvendo esta temática, buscando utilizar metodologias que reduzam possíveis vieses e que possam dar corpo às evidências científicas nesta área.
3. As apresentações continuaram com Thaís Morata, cujo tema *“Transformando a nossa profissão: tornando-a eficaz, compreendida e*

*acessível a todos*” sinalizou a necessidade das algumas ações importantes para a Fonoaudiologia. Com a nossa forte base sólida na ciência, precisamos entender as populações em risco; avaliar os resultados e intervenções; controlar fatores de risco e melhor nos comunicarmos para educar e motivar ações e comportamentos. A comunicação com a comunidade científica tem sido aprimorada ao longo de nossa trajetória, agora é preciso atentar para a comunicação efetiva com a população em risco.

4. Ana Claudia convidou os presentes a compartilharem as práticas de educação em saúde, em especial as voltadas às ações de proteção à perda auditiva induzida por ruído e relatos de práticas bem-sucedidas:
  - a) Aline Moraes (consultório/SP): Contou experiência de sala de espera no consultório com orientações sobre saúde auditiva e outros temas. Observou que não há muitos equipamentos de proteção auditiva individual para crianças e músicos em comercialização no Brasil (exemplo: aulas de bateria para crianças, sem uso de proteção auditiva). Sugeriu ações que promovam o interesse da indústria/empresas para trazerem para nosso país este tipo de produtos. Dra. Ana Claudia ponderou a respeito, comentando que todos os fonoaudiólogos devem conhecer toda linha de Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs), pois é necessário conhecer para exigir e divulgar a necessidade.
  - b) Vera Gelardi (PUC/SP): Relatou que trabalha com duas frentes: controle auditivo em militares e, também, na clínica. Em ambos os contextos, usa uma tabela com todos os tipos de EPIs para orientar. Observa que as perdas auditivas induzidas por ruído (PAIR) não são desenvolvidas necessariamente a partir ou exclusivamente da exposição ocupacional e, sim, em uma segunda ocupação e em atividades de lazer e, por isto, destacou a necessidade de se divulgar outros tipos de EPIs, principalmente para aqueles que são músicos, tocam em igreja, etc. A orientação tem que extrapolar o ambiente ocupacional e, para isto, é necessário conhecer outros tipos de EPI. Dra. Alessandra salientou que o uso do EPI é também cultural, por

exemplo, nos EUA crianças usam EPI em situações cotidianas. Sugere ações para sensibilizar a população.

- c) Marineide Cruz (Clínica/SC): Relata sua experiência com o uso do E-A-Rfit (Sistema de Validação da Atenuação Individual). Sempre verificou *in loco* do uso do protetor, além de reforçar o treinamento nas consultas em admissão, seis meses e periódico. Há 2 anos recebeu apoio das gerências que quiseram saber quem usa o EPI inadequado e observaram que, apesar das iniciativas de educação e treinamento, os números não reduzem. Diante disso, adotaram neste ano o E-A-Rfit para ver se há outros impactos. Dra. Thais comentou que os índices estão de acordo com a realidade de outros contextos e sugeriu que a informação do nível de atenuação seja usada no processo de treinamento, ficando mais concreto. Dra. Ana comentou que é um desafio estreitar relação com as empresas, principalmente os fonoaudiólogos que trabalham em empresas, a partir do conhecimento dos EPI disponíveis. Dra. Thaís lembra que atualmente se tem um interesse e apelo maior por tecnologia e por isto sugeriu usar aplicativos, monitor biológico, e similares para orientação em saúde. Dra. Alessandra comentou que publicou estudo desenvolvido no ano passado em que comparou o uso do E-A-Rfit com o otômetro e reforçou o que Dra. Thaís afirmara quanto à vantagem de se trazer objetividade na orientação, mas tem que considerar os custos com o uso do equipamento. Marineide disse que ela tem equipamento e que a empresa paga os insumos para testes, mas acrescenta que o problema do uso do E-A-Rfit tem sido por restrição de tempo.
- d) Luciana Bramatti (Clínica/SC): Informou que em sua dissertação de Mestrado e outros estudos se voltou às ações educativas com enfoque positivo em programa de conservação auditiva.
- e) Kelly Brambila (Clínica/MG). Relatou ter conhecido o E-A-RFit no *Dangerous Decibel's Brasil (DDB)*, mas que se frustrou pelo custo. Apresentou como alternativa o seguinte relato de ação: solicitou aos trabalhadores que em uma orelha colocassem o EPI do jeito que sempre usam e, na outra orelha, como deveriam colocar, a partir de orientação e depois discutiu as sensações. Dra. Ana comentou que

nem toda tecnologia é viável do ponto de vista financeiro e que o fonoaudiólogo é muito criativo e, por isto, vale a pena pensar em alternativas de estratégias de orientação de educação auditiva, desde que se considere custo, conforto e atenuação.

- f) Alice Penna (CEREST/SP): Concordou com Dra. Ana que teste de atenuação real é válido para usar e dar *feedback* para o trabalhador, mas isto não garante que o EPI esteja sendo bem colocado. Sendo assim, reforçou a necessidade de se pensar em alternativas que garantam o uso efetivo do EPI e salientou que a tecnologia não substitui os programas de treinamento, fiscalização e outros. Dra. Alessandra salientou que Programa não é feito de uma única estratégia, mas sim um conjunto de ações.
- g) Adriana Lacerda (UTP/PR): Destacou a necessidade do uso de estratégias criativas na conscientização do trabalhador e outras populações, tendo como foco a Educação em saúde e educação ambiental; e não somente o uso de tecnologias. Dra. Thaís lembrou que mudanças no comportamento acontecem mesmo que demorem e citou como exemplos o uso do cinto de segurança, campanhas contra tabagismo e outros.
- h) Milena Rodrigues (Clínica/MS): Comentou que percebe esforço dos fonoaudiólogos e também muita criatividade. Sugeriu que as empresas de proteção deveriam entender mais o que nós fazemos para que a equipe de segurança trabalhe em conjunto com a equipe de saúde. Como educadora do DDB, fez uma aproximação com a 3M e viu o quanto fez diferença em sua prática profissional. Sendo assim, sugeriu dar visibilidade ao que fazemos. Dra. Ana se comprometeu em tentar organizar com os fabricantes ou representantes das empresas alguma participação nos próximos EIAs.
- i) Adriana Lacerda (UTP/PR): Lembrou que na área ocupacional já se tem algum tipo de avanço e informação, mas que para a população em geral, principalmente voltada a crianças e populações específicas, tem que se pensar em estratégias educativas e de informação não só quanto à necessidade do uso, mas também de compra de EPI.

- j) Simone Alves (Clínica/MG): – Mencionou que tem *e-commerce* de EPI, especializado para atividades de lazer.
- k) Lucas Schmiott (Chapecó/SC): Contou sua experiência com educação em saúde no contexto de frigoríficos em que considera sempre o melhor custo benefício. Destacou que defende que o melhor EPI é o que é usado e que o trabalhador tem que ter sempre opções de diferentes tipos de EPI.

Por limite do tempo, as discussões e relatos foram finalizados. A Dra. Ana retomou a palavra apresentando como proposta de encaminhamentos para o Fórum 2020:

- Ações de proteção auditiva com fins de prevenção da PAIR
- Entraves para ações de proteção
- Mantém-se do Fórum 2018, o tema *Notificação SINAN*